

Céu de Barthes, Adorno, Céu de Adorno

Sky of Barthes, Adorno, Sky of Adorno

Leda Tenório da Motta

Doutora em Semiologia Literária, pela Université de Paris VII, com pós-doutorado em Linguística; professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: lmotta@pucsp.br.

Artigo recebido em 07/07/2010
Artigo aprovado em 17/08/2010

Resumo

Embora tudo os separe, Roland Barthes e Adorno são encontrados, praticamente, no mesmo momento, nos alvores dos anos 1950, dedicando-se a uma mesma tarefa: perscrutar o horóscopo jornalístico e denunciar-lhe a fraude. Os resultados de suas pesquisas saíram em livros no mesmo ano. São eles, respectivamente: *Mitologias* e *As estrelas descem à Terra* – sendo este último considerado pelos especialistas uma ilha na obra adorniana, praticamente inédito entre os leitores brasileiros, pois só recentemente foi traduzido para o português. O presente artigo debruça-se sobre o diferencial dos métodos de abordagem que aí se verificam e sobre o interesse desta tensão paradigmática para a área das Comunicações.

Palavras-chave: Barthes, Adorno, mito, superstição secundária.

Abstract

Although all separates both, we found Roland Barthes and Adorno, practically in the same moment, by 1950s, working in the same task: prospecting the journalistic horoscope and denounce itself the fraud. The results of their research had been published in books of the same year. They are, respectively “*Mitologias*” and “*As estrelas descem à terra*”, the last is considered by experts an isle in the adornian work, practically unpublished between us, because only in nowadays it was translated to portuguese. The present article focuses on the differential of the boarding methods that we have there and on the interest of this paradigmatic tension for the area of Communications.

Keywords: Barthes, Adorno, myth, secondary superstition.

Nada mais distante que os universos intelectuais destes dois contemporâneos que foram Adorno e Roland Barthes. Já porque, retomando a estocada clássica de Balzac contra os críticos jornalistas, na era do primeiro periodismo – “os caracteres gerais do crítico são essencialmente notáveis neste sentido que existe em todo crítico um autor impotente” (BALZAC, 1999: 91) –, Adorno não apenas tomou o crítico pelo representante do homem comum, ilegítimo no mundo das belas-artes, mas acrescentou-lhe a pecha do ideólogo. “Os críticos profissionais eram, sobretudo, fornecedores de informações: davam orientações sobre o mercado dos produtos espirituais”, como pode ser lido em “Crítica cultural e sociedade” (ADORNO, 1990: 77).

Enquanto isso, Barthes não apenas foi crítico e chefe de escola crítica – é bem verdade que, um século adiante, num outro ponto da história do gênero, em que o grande crítico é o professor, e não mais o periodista –, mas não hesitou em se fazer de crítico cultural, debruçando-se, com caprichos de semiólogo da literatura, sobre tudo aquilo que, para Adorno, seria pura ideologia. Como escreveu ele, apresentando *Mitologias*: “Ocupando-me de fatos aparentemente distantes da literatura [...] não me parecia sair dessa semiologia geral do nosso mundo burguês cuja vertente literária abordara em anteriores ensaios” (BARTHES, 2002: 675).

Não apenas a isso, mas à gravidade adorniana, Barthes contrapôs uma mordacidade sorridente. Aliás, este é um dos muitos atributos de *Mitologias*: a leveza do intelectual que se despoja de seus temas prestigiosos e volta-se para a cultura das mídias, não hesitando, nesse passo, em ir aos clichês da arte burguesa, à propaganda de ideias chauvinistas na imprensa de direita, à época da Argélia francesa, às superproduções hollywoodianas e à publicidade do sabão em pó. Ao passo que, de seu lado, Adorno foi assinalando sombriamente o rumar da História para o desencanto, a ruína, a catástrofe. Sem pôr a mão na massa, que Barthes chamava a “cozinha do sentido” (BARTHES, 2002: 589), apenas denunciando o mundo em que vivia, à distância relativa dos fatos, com instrumentais filosóficos amparados numa visão da História como terrífica.

Assim, não deixa de ser surpreendente que tenham se interessado, praticamente no mesmo momento, pela mesma coisa: o horóscopo dos periódicos. Nem que suas observações fossem igualmente factuais. Nem que os resultados dessas observações, feitas cotidianamente por ambos, cada qual de seu posto, entre 1952-1953

(Adorno) e 1954-1956 (Barthes), fossem publicadas no exato mesmo ano de 1957, data de saída de *As estrelas descem à Terra* (ADORNO, 2008), que coincidiu com a da reunião em volume dos artigos do Barthes caçador de mitos. Embora já não espante que tenham se entendido sobre o principal: sob as aparências do mediador transcendental, o guru da coluna astrológica nada mais é que um perfeito representante deste mundo baixo em que se vive. Afinal, está se falando de dois pensadores marcados pela inflexão marxista, que estão igualmente atentos à alienação das mentes, ao fetiche da mercadoria, à naturalização do que é ideológico, em suma, à dimensão da falsa consciência.

Esse inesperado comum interesse de ambos pelo mesmo tipo de evento jornalístico propicia a oportunidade de apreciar melhor o *modus operandi* de cada um e – ato contínuo – duas epistemologias em interessante tensão no campo das Comunicações.

Optou-se por começar pela incursão que fez Barthes ao horóscopo semanal da revista *Elle*, no capítulo “Astrologia” de *Mitologias* (BARTHES, 2002: 675-677). Como bom sociólogo marxista que era, ainda que o dissesse ser transversalmente (BARTHES, 2002: 502), ele principiou pelo apontamento das condições materiais de existência do público-alvo da revista: mulheres de classe média, que trabalhavam como secretárias e vendedoras, e que eram solteiras, caso contrário não haveria por que consultarem os astros. E já partiu para notar o comprometimento burguês das predições do jornalista, ressaltando, de saída, que, contrariamente ao que seria de se esperar, quando o assunto é ver além, a semana astrológica da *Elle* não inspirava sonho algum. Não existia ali “nada de onírico”, escreveu ele, mas pura e simplesmente, um “espelhamento” da realidade externa, ou pior, uma “instituição” da realidade externa. Tanto assim que o Destino estava reduzido a algumas “rubricas” comezinhas: “fora de casa” (*au-dehors*), “dentro de casa” (*chez vous*), “coração” (*votre coeur*), “sorte” (*chance*).

Tudo isso mais descrevia o presente que previa o futuro, e esse Céu refletia a Terra. Mas Barthes não se contentou com denunciar essa falsificação flagrante. Este foi apenas seu ponto de partida, uma evidência que não pretendeu demonstrar. Interessavam-lhes as rubricas em si.

Que se observa aí mesmo? Lugares, já que, para a escola de Barthes, o mito é uma organização estrutural.

“Fora de casa” engloba todo aquele domínio existencial recoberto pelo horário profissional, as sete ou oito horas de loja ou de escritório que cabiam diariamente às leitoras. “Dentro de casa” representa a dimensão dos preparativos para o jantar, das refeições partilhadas, antes de a leitora ir dormir. “Coração” é outro quesito, na verdade, compartimentado, já que, nestas antevisões, encontrar alguém só era possível na saída do trabalho ou na folga de domingo, ocasiões que se constituíam, assim, em ambiências ofertadas à aventura, antes que tempo propício. Em tal distribuição do espaço, a “sorte” entra, finalmente, como a dimensão da interioridade, o lado de dentro. Mas, estando presa a todas as determinações anteriores, também este era um lugar na agenda semanal, do lado de fora, o que permitiu ao sociólogo-semiólogo continuar pensando que os astros não postulavam nenhuma derrubada da ordem, mas exerciam uma “magistratura da consciência”.

Se, até essa altura, enveredando por esse fora/dentro, Barthes comprovou o caráter burguês mais ou menos disfarçado da profetização do colunista, doravante lhe interessarão, principalmente, as formas desse fundo. Foi assim que ele partiu em busca de mais relações espaciais, fiel à lição de seu mestre Saussure, quando aplicou a metáfora do jogo de xadrez à compreensão do sistema da língua (SAUSSURE, 1976: 126), de que posições espaciais são posições de sentido, e ao sentido se chega por desmontagem e arranjo, *bricolando*.

Para tanto, ele voltou aos lugares anteriores, e os esmiuçou. Cada um deles tem seu humor. “Dentro de casa” é o lugar, por excelência, dos afetos, é principalmente aquele reduto em que se liberam as desconfianças, a hostilidade em relação ao meio externo, visto, deste ponto, como hostil. “Fora de casa” é de um humor mais brando, afinal, no escritório, não devem explodir as emoções, o máximo a que se pode chegar é à pequena alteração, a certas “relações de azedume” com os colegas e os “chefes”. No “coração”, por estranho que possa parecer, o indivíduo está no grau zero dos sentimentos; neste sentido, permanecem aí apenas “assuntos sentimentais”, como há assuntos comerciais na repartição, tudo se passando, neste outro canto, como se o amor fosse uma “transação comercial”. Daí, no falar burocrático do astrólogo, seus “começos promissores”, seus “erros de cálculo”, as “más escolhas” da consulente. Acrescente-se que, bem aqui, no “coração”, a felicidade é de fraca amplitude, pois, ainda que aconteça algo que leve ao desenlace tão esperado do casamento,

importa que ele seja conveniente, quer dizer, desapaixonado. Nessa paisagem, “sorte” é o único espaço interior. Mas já se sabe que essa interioridade se exterioriza, porque o Destino está submetido à História.

Reunindo, em seguida, suas peças disjuntas, o que Barthes também queria saber é se havia inter-relações entre as casas, passagens possíveis entre elas. Primeiro, pareceu-lhe que não, que eram vasos não comunicantes, “prisões contíguas”, como as chamava. Depois, percebeu que, de algum modo, interpenetravam-se, já que eram percorridas por uma curiosa propriedade comum: em lugar nenhum se falava de dinheiro. O que é paradoxal: os astros não tocavam naquilo mesmo que subentendiam o tempo todo: o salário mensal.

Além do que já se sabe – que as cartas estão marcadas –, que pensava Barthes disso tudo, em conclusão? Para que serviria, no limite, essa incursão no mágico que tinha tudo do terrestre?

Até porque, para ele, a Semiologia e a Antropologia eram coalescentes, sua resposta seria menos a do sociólogo que a do antropólogo. Ele diria que “tudo isso serve para “exorcizar o real”. O princípio de *Mitologias*, escreveu a propósito seu biógrafo, o linguista Louis-Jean Calvet, é uma “espécie de etnografia da sociedade a partir dos signos que ela emite” (CALVET, 1993: 169). Ora, é coextensivo ao espírito dos exorcismos primitivos a presentificação daquilo que se quer afugentar. É nesse plano, principalmente, que se entende a injunção da *petite semaine bourgeoise*. É preciso dizê-la para conjurá-la.

Uma mitologia correlata pode ajudar a entender melhor o diferencial deste procedimento de análise. Acompanhe-se, no mesmo volume, o capítulo “A clarividente” (*Celle qui voit clair*), em que Barthes se voltou para o “correio sentimental” (BARTHES, 2002: 768-770). Aqui, novamente, o público-alvo era o feminino, e se está novamente falando de mulheres solteiras, loucas para deixar essa condição. Não que Barthes escarnecesse das mulheres de seu tempo, esta era a sua representação jornalística.

Que se percebe aí? Novamente, classificações. E do mesmo modo como no exemplo anterior, as leitoras de *Elle* estavam afetadas à ordenação patronal, também estas outras mulheres submetiam-se, inicialmente, a uma “ordenação jurídica”. Eram distribuídas em três classes: a *puella* (a virgem), a *conjux* (a mulher casada) e a *mulier* (a mulher não casada, ou a viúva, ou a adúltera, ou simplesmente aquela que, por algum motivo, estava,

presentemente, só). Permanece-se diante de uma tipologia. Mas, como anteriormente, Barthes deu-se pressa em complicar seu quadro, pondo este primeiro sistema de “signos” – como os chamou –, em relação com um segundo sistema, masculino. Neste segundo, observa-se, de um lado, o marido, ou simplesmente o macho (“vir”); de outro, o pai (o *patria potestas*). Uma pequena rede de posições hierárquicas dá-se a ler, doravante: a ordem do marido submete-se à do pai, de quem ele é o filho, e a ordem das mulheres submete-se à de ambos. É em função destes posicionamentos que se entende o primeiro sistema. Eis o leitor, portanto, novamente, diante de uma topologia, de uma estruturação significativa.

Também aqui a estereotipia rebate-se sobre o “coração”. Já que, a todas essas mulheres que escrevem, a redação responde acenando com o casamento, devolvendo-as, prudentemente, à casa mesma que era a sua, desde sempre. Mas, novamente aqui, o Barthes sociólogo foi eclipsado pelo Barthes que atentava para os ritos em busca de uma *forma mentis* inculcada, mais que de um determinismo externo. Ele concluiria que não se tratava só de casamento, mas de existir pela palavra: “é o casamento jurídico que as nomeará e, por fim, as fará existir”.

Foi o que lhe permitiu ainda, sem inocentar a História, mas entrando na escala dos fatos seculares, saltar da França à Grécia, ainda saltando por tópicos, neste fecho de ouro tão típico do estilo barthesiano: “Deparamos aqui de novo com a estrutura do gineceu, liberdade fechada sob o olhar exterior do homem” (BARTHES, 2002: 411).

As estrelas descem à Terra

Vivendo nos Estados Unidos, desde os anos 1940, como tantos intelectuais judeus europeus – ou europeus-judeus –, então fugidos do nazismo, Adorno estava em boa posição para observar, de dentro, em sua face mais agressiva, e em plena guerra fria, a indústria cultural. De modo geral, tal experiência permitiu-lhe confirmar a bem conhecida tese segundo a qual o projeto iluminista, ao invés de emancipar o homem, lançou-o na decadência e na barbárie. De modo particular, foi levá-lo a uma pesquisa empírica – inusitada no conjunto de sua obra, sublinhe-se, desde logo –, que lhe permitiria assinalar o caráter particularmente rebaixado da astrologia e pseudociências afins dentro do quadro maior da indústria cultural. Tratava-se de mostrar, na prática, que ela era uma versão degradada daquelas outras superstições que

eram a ciência e a política, para ele, ambas respostas míticas ao medo: o medo da natureza ameaçadora, quando não controlada, o medo da liberdade, que leva à servidão voluntária ao líder. Foram respostas trazidas pela sua grande crítica ao “Esclarecimento” – o espírito das Luzes –, que ele viu desviar-se para uma ambição de controle que nada podia deixar sem explicação. Referiu-se às fundamentações teóricas de *A dialética do esclarecimento* (1947). Foi contra essa tela de bastidor que o jornalista-advinho despontou como o administrador do medo do futuro.

Recolhendo anotações desta pesquisa, sempre *As estrelas descem à Terra* saem de um acompanhamento cerrado, por três meses a fio, da coluna astrológica do *Los Angeles Times*. Um jornal conservador, inclinado para a ala direita do Partido Republicano, cujo astrólogo era um certo Carroll Righter, um jornalista, bem introduzido nos meios do cinema americano, e conhecido do público da televisão, já que era um bem-sucedido consultor das celebridades. Essa ligação do jornalista com a “usina de sonhos” foi aqui fundamental, diga-se, desde logo. Permitiu a Adorno que se mantivesse fiel à sua ideia de um padrão abrangente da cultura de massas, cujos agentes, de que não se separavam os periodistas, agiam de forma concertada, no mundo burguês administrado, o “*verwaltete Welt*”.

Logo na abertura, Adorno explicitou assim seu intento: realizar uma análise “de conteúdo” dessa seção do jornal, que permitisse “estudar a mentalidade” dos leitores do horóscopo de Righter e, de modo mais geral, o funcionamento psíquico de grupos de natureza semelhante, igualmente envolvidos com o “ocultismo secundário”. Só na última parte do trabalho – no ponto em que este se converteu num tratado, em que se resumiram as grandes linhas de seu pensamento –, ele chegou a este conceito de “ocultismo secundário”, que entendeu como a conjuração do desconhecido, em sua forma mais vulgar.

Nem por distanciar-se, assim, de saída, de Barthes – que, como se viu, procedeu por formalizações, antes que pela análise do conteúdo –, Adorno deixou de começar por onde ele começara, dizendo, mais ou menos, o mesmo, com outras palavras. As relações entre o jornalista do *Los Angeles Times* e seus leitores, observou num primeiro momento, desenvolveram-se na base do estímulo-resposta. O que significa que o consultante era um alvo. Ou, como diria Barthes, que os indivíduos são enredados.

Mas logo o quadro se complica, e fica-se diante de um contrato bem mais perverso. Na verdade, corrigiu ele, estes que parecem obedecer a uma voz de comando não se curvam ao desejo daquele que lhes fala, mas aos seus próprios desejos, necessidades, exigências. São servidores voluntários, que pedem para ser dirigidos, que escolhem ser dependentes, colocar-se em mãos alheias para fugir de si. Esta outra verificação passa por notar que os leitores de Righter sequer acreditavam no que liam. No fundo, o que faziam era “atuar” sua dependência, no sentido psicanalítico da “passagem ao ato”, que designa a colocação em prática pelo sujeito de alguma pulsão, fantasia, desejo, que traduz em atos o que não pode reconhecer completamente. Como explicou Adorno (2008: 86):

Poder-se-ia dizer que os adeptos da astrologia atuam ou frequentemente exageram sua dependência, uma hipótese que se encaixaria com a observação de que muitos seguidores da astrologia não demonstram estar perfeitamente convictos de suas crenças, adotando frente a elas uma atitude indulgente ou semi-irônica.

O ponto de inflexão aqui é: finge-se acreditar. É o que garante que as coisas funcionem tão bem, mesmo que o guru, no fundo, não diga nada, só acene com uma psicologia popular, com banalidades, com proposições de senso comum. Como nesta advertência enviada a Áries, em 18 de janeiro de 1953: “Hoje, a paz de espírito será alcançada por meio de sua atenção a problemas práticos e princípios familiares comprovados”. Há um convite a se notar que aquilo que poderia haver de sinistro na predição do destino tornou-se, aqui, nesta declaração gasosa, razoável. E assim é sempre. Nada que tenha vindo de Righter soou estranho; tudo era familiar. Não se predizem catástrofes, não se maneja nenhum jargão esotérico, não há “aparição de fantasmas”. Vendo o ritmo da semana laboriosa sobrepor-se ao ritmo dos arranjos celestes, Barthes não diria outra coisa. Não há aí nenhuma dimensão do extraordinário.

Mas Adorno o disse em outro sentido. De fato, a argumentação central do estudo – que funde crítica social e psicanálise, à maneira frankfurtiana – será a de que os sistemas de ilusão que movem as sociedades capitalistas estimulam continuamente o ego das pessoas, produzindo-as como sintomáticas e, paradoxalmente, aproveitando seu sintoma. É esse tipo de duplo vínculo que autoriza as mensagens dos “profetas do engodo” a

serem tão reconfortantes, todas as suas técnicas, tão lisonjeiras aos leitores. E é a elas que se endereça a prometida “análise de conteúdo”. Que não deixa de presentear cada um com algumas questões de forma, o estudo registrando-se, aqui e ali, as palavras mesmas de Righter, que Barthes chamaria de mitólogo narrador.

Adorno investigou pacientemente os seus “truques”. Percebeu, por exemplo, que, não conhecendo as pessoas a quem falava, mas tampouco podendo deixar de agir como quem sabia, dada justamente a autoridade de que estava ungido, ele tinha que ficar na corda bamba – nem lá, nem cá. De um lado, não podia ser vago, demonstrar distanciamento, pois isso desapontaria quem esperava firmeza de sua parte. De outro, não podia comprometer-se com afirmações que viessem a ser desmentidas. Compelido ao mesmo tempo a arriscar-se e a não fazê-lo, salvaram-no dois expedientes principais. Primeiro, ele apelou para estereótipos do tipo “siga aquela intuição” ou “utilize aquela perspicácia especial”, onde “aquela” tem o condão de mostrar que o colunista sabe, e de eximi-lo de dizer o que sabe. Há um bom exemplo disso neste conselho a Sagitário, do dia 10 de novembro de 1952: “Afaste-se daquela preocupação que parece não ter solução”. Segundo, vai apostar nas situações mais típicas possíveis, pois são aquelas em que todos poderão ter a impressão de reconhecer-se. A exemplo desta outra situação, aventada numa mensagem a Touro, para o período de 20 de abril a 20 de maio de 1953: “Na parte da manhã, você terá a chance de solucionar tranquilamente os desafios acartretados pelo seu modo de vida”. Mas importava a Adorno ir além da expressão. E – mesmo – da determinação inconsciente. Seu principal foco era a determinação social. De sorte que o próprio significado inconsciente dessa relação de mútua dependência estava, para ele, sociologicamente determinado. Daí ele dizer: “a astrologia não pode ser simplesmente interpretada como uma expressão da dependência, mas precisa ser considerada como uma “ideologia para a dependência” (BARTHES, 2002: 75).

É assim que, num “crescendo” argumentativo, se torna possível ver o consultante de Righter igualar-se às hordas fascistas. Os sofismas da superstição e os da política são igualmente irracionais. O sujeito que consulta os astros é um paranoico compulsivo, predisposto ao espírito de seita, como o fascista está pronto para o doutrinação totalitário. Une-os a mesma loucura. O que lhe permite passar da analogia à homologia: a

América das geladeiras e dos televisores desses anos 1950, em que prosperaram as comunicações de massa, de onde chegaram ordens, tornou-se a Alemanha hitlerista do processo inflacionário dos anos 1930. E registram-se, então, estas ilações finais surpreendentes:

[...] o mundo de hoje, que oferece uma base real tão forte para o sentido geral da perseguição, evoca caracteres paranoicos. Hitler era certamente psicologicamente anormal, mas foi exatamente essa sua anormalidade que criou o fascínio que permitiu seu sucesso junto às massas alemãs. Pode-se dizer que é precisamente o elemento da loucura que paralisa e atrai seguidores para os movimentos de massa de todos os tipos (BARTHES, 2002: 75).

Aproveite-se o ensejo dessa irrupção de Hitler para lembrar que, em Barthes, é a língua que é fascista¹. E, note-se, para começar a concluir que, mesmo concordando, inicialmente, em que os mitos querem passar-se por verdades que prescindem de demonstração, e que cheguem, por vezes, às mesmas conclusões, tudo separa *Mitologias e As estrelas descem à Terra*.

A Barthes interessava a órbita do autor. Aqui, o mito é a *parole* saussuriana, a língua em execução, a fala, o discurso. Como ele explicou nas primeiras linhas do ensaio “O mito hoje”, que encerrou seu livro: “O que é um mito, hoje? Darei de saída uma primeira resposta muito simples, que corresponde perfeitamente à etimologia: o mito é uma fala” (BARTHES, 2002: 823).

Enquanto que a Adorno interessava a cadeia das ações-reações – logo, pessoas; não discursos. Foi assim que ele se indis pôs com a pessoa mesma de Righter, mundana e inculta, por agir como agia, e, através dele, com as cartomantes e as quiromantes. Aqui, o mito é uma fúria regressiva, com agentes bem indicados.

Outra diferença diz respeito ao tipo de desmascaramento existente em cada caso. Em Barthes, a oposição verdade/aparência delineava-se sem pertinência, já que, trabalhando apenas com relações entre formas, ele não perseguia nada para além delas. Não se tratava, nunca, aqui, da exumação do sentido, mas da demonstração de operações de construção do sentido, demonstração metalinguística, cujo intuito é dissolver o efeito mítico, pela decomposição de seu segundo sistema opressivo. Em Adorno, era bem da estase, da revelação do sentido, que se tratava, já que interessava o conteúdo.

No mundo dessacralizado, mas sempre, de algum modo, ritualístico, de Barthes, o mitólogo é um exorcista antigo. No mundo controlado de Adorno, em que a magia ressurgiu como fanatismo, o mitólogo é um condutor de fanáticos atuais, de tonalidades realistas.

Note-se também esta ironia final: se a Barthes irritava o ocultamento da História, que a naturalização dos conteúdos ideológicos promove, o que mais deixava Adorno indignado era o caráter escancarado da História, tal como o profeta do *Los Angeles Times* a recuperava e atualizava.

Referências

ADORNO, Theodor W. Crítica cultural e sociedade. In: COHN, Gabriel (org.). *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *As estrelas descem à Terra: a coluna astrológica do Los Angeles Times*. Um estudo sobre superstição secundária. Tradução de Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2008.

BALZAC, Honoré de. *Os jornalistas*. Tradução de João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. In: BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes*. Paris: Seuil, 2002.

CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes – uma biografia*. Tradução de Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1976.

¹ Como declarou ele, não sem escândalo, em sua aula inaugural no *Collège de France* (BARTHES, 2002: 432).